

A Triste Língua do Rádio

RUBEM BRAGA

QUANDO ouço alguém dizer que domina perfeitamente uma língua estrangeira, não acredito. O sentimento que temos de cada palavra é alguma coisa funda e fluida, que vem desde a infância, que faz parte de nossa própria vida, que tem gosto, som, temperatura, consistência, cheiro; cada palavra é uma longa experiência sensorial, emocional e intelectual que vivemos ao longo de toda a existência. Podemos aprender o seu sentido; mas como apreender sua substância. ouvir seu eco mais íntimo se antes não «vivemos» essa palavra?

Há palavras que nos levam à infância — «torresmo», «tacho», «jenipapo»; outras, ao fim do curso primário, como «aliás» ou «adversário».

A infância de hoje tem um vocabulário diferente do meu tempo de menino, porque aprendeu muita coisa na linguagem quase sempre pernóstica do rádio — que existe de mais alarmante que a falsa riqueza vocabular de alguns locutores de futebol? Já essa palavra «locutor» me arrepia um pouco, com seu ar douto e latinizante. Acho que está bem e não proponho nenhuma outra em seu lugar — mas é irresistivelmente antipática, lembra colégio, sala de operação, processo inquisitorial.

O rádio, com sua força tremenda, tende a unificar a linguagem nacional a um ponto impossível de imaginar antes; a língua oficial falada no Brasil em todos os círculos sociais e em todos os Estados é, afinal de contas, a da Rádio Nacional. Se amanhã o pessoal dessa estação resolver inventar um adjetivo qualquer — suponhamos, «obvioso» —, esse adjetivo passará a ser falado e escrito por milhões de pessoas do Acre ao Rio Grande do Sul, com a maior naturalidade.

De alguns anos para cá a gíria carioca passou a ser fabricada pelo rádio; se em um programa muito ouvido uma pessoa com voz engraçada disser, de vez em quando, «porém talvez», essa tolice será repetida por nós todos.

Antigamente uma expressão de gíria, para vencer, tinha que passar por um longo processo de seleção; devia ser transmitida de boca em boca até alcançar uma letra de samba ou uma revista de teatro.

Hoje, o Estado ou um grupo de capitalista pode impor até um falso folclore, pré-fabricado, como impõe sentimentos e opiniões. O pior é que o rádio (tal como, nos últimos anos, a televisão) se popularizou sem nenhuma tradição intelectual ou cultural e até hoje é relativamente fraco nesse terreno. E grandes massas votam «de ouvido»; pensam «de ouvido», sentem «de ouvido»...

No meio desses males, a influência pernóstica ou cafajuste do rádio sobre a língua é um mal menor. Mas sempre me dói ouvir uma criança dizer «ludibriar» ou «ultrapassar»... Isso me dá pena.

DN 15.12.67

408